

A VERDADE

Orgão Spirita

PUBLICA-SE A TERÇA POR MEX

REDACTORES DIVERSOS

Anno II

Cuyabá, 28 de Novembro de 1895

N. 75

A VERDADE

Cuyabá, 28 de Novembro de 1895

Collaboração do Espaço

2 de Novembro

Bemdito sejas justo e manso cordeiro, Jesus, nosso Mestre.

Meus irmãos— Commemoraes o dia em que milhares dos vossos irmãos, que estiveram em missão ou expiação sobre o planeta em que ainda habitaes, e que aqui se acham presentes—muitos gozando das delicias de seus actos, perseverantes, amorosos e obedientes, vos procuram encaminhar para um dia serdes contemplados no numero dos Bem-aventurados, e outros expiando as faltas e desatinos commettidos no decurso da vida material vêm receber vossa animação.

Pois bem, meus irmãos, como ha bem pouco disse o vosso presidente material, deveis orar não só neste dia como em todos os outros, á todos os instantes, a todos os momentos, que estiverdes em repouso; acho muito louvavel esse conselho, e se me permittem, vos aconselharei para procederdes dessa forma, porque muito agrada ao Pae de bondade e tambem minorará muito os soffrimentos d'aquelles que aspirão as faltas commettidas.

Quanto ao que se tem dado no seio da vossa sociedade não deveis estranhar, por que deveis saber que muitos dos vossos infelizes irmãos desincarnados, que persistem no erro, procuram por todos os meios perturbar os vossos trabalhos, por tanto, fechai os ouvidos á essas vozes e prosigae na vossa obra.

O guia Antonio de Padua.

A paz do Senhor desça sobre todos vós, meus irmãos.

Eu aqui estou e mais os vossos guias, bem como o vosso presidente espirital.—Podeis continuar com os vossos trabalhos.

Hoje, meus irmãos, é um dia sollemne em que todos vós deveis estar na mais completa passividade e desejo de praticar o bem. Mais de uma vez, meus irmãos, vos tenho recommendado a caridade, pois bem sabeis que esta é a virtude que melhora os corações enchendo de humildes á pobre humanidade; praticai-a, pois, e sereis um dia muito feliz. Oraí, hoje, pelos vossos irmãos desencarnados, que elles todos vos vêm e esperão a vossa protecção.

Oh! quanto é sublime uma boa acção e quanto são beneficinas as preces que neste momento dirigis a elles: sim, meus irmãos, oraí e oraí muito, não vos esquegae delles em todos os momentos que vosso espirito estiver em repouso.

Deus, nosso Pae de infinita misericordia, vos ajuda e ampare.

O guia Francisco de Assis.

Presados irmãos—O dia de hoje é memoravel e deveis todos vós estar em communhão de pensamentos implorando do Creador, graças para todos os vossos irmãos; fê, esperança e caridade para vós.—Orando com fervor por todos os espiritos endurecidos e vossos inimigos para qu'elles sejam tocados do arrependimento e procurem não mais commetter faltas para com Deus, mas praticarem o bem,—os levareis ao caminho da luz e da caridade, que é a virtude da Salvação de todos os filhos de Deus.

Praticai sempre assim que concordereis para o bem de todos os vossos irmãos desgarrados da seada do dever, prestando ao mesmo tempo relevante serviço a vossa doutrina, a humanidade e a vós mesmos.

José Vicente da Silva.

Uma suicida

Que horror, meus irmãos, valei-me... valei-me... eu estou a beira de um abysmo! Caio... caio... caio, ó meu Deus, que soffrimento!... Quando acabará tão horroroso soffrimento... caio... caio... caio, oh! horror! O' meus irmãos, da terra, valei-me, valei-me depressa.. pedi a Deus nosso Pai que se compadeça de mim. Caio... caio!

O' Deus, perdoai-me tão grande loucura, eu era um infeliz desgostoso da vida e por isso... perdão, Senhor! segurai-me... eu caio... eu caio!

Um aviso

Meus irmãos—Sucedem-se os tempos, os povos se revoltam e por toda parte preparam-se para uma grande luta, e vós tambem, meus irmãos, deveis estar preparados e fortificados para lutardes com os inimigos da vossa doutrina. Este preparo deve ser escudado na fé e na paciencia: se assim fizerdes sabei-vos triumphantes, e dareis prova de que sois digno da vossa sublime Mestre.

Mostrai-vos sempre pequenos e humildes que sereis, olhados como verdadeiros filhos do altissimo, não desanimeis um só momento:—a luta será tremenda, mas se mostrardes resignados, marchareis sempre avante.

O guia Antonio de Padua.

O dia de finados

por

LÉON DENIS

O edificio das religiões estala e ameaça ruina; os dogmas, como grandes esqueletos, mostram sua nudez, secca e fria, debaixo do véo brilhante das fécções. A maré do materialismo cresce incessantemente. Mas o culto dos mortos, o culto da saudade permanece, intenso, no fundo da alma humana. E' elle que presta ás manifestações do dia 2 de novembro seu caracter grave e tocante.

Nesse dia, a comprida enfiada dos humanos, vestidos de preto, desenrola-se sobre o caminho dos cemiterios, por entre os passeios juncados de folhas; as ultimas flôres do outomno ornam as lagas funerarias.

A soturna melancolia de novembro harmonisa-se com o pensamento de terror paira sobre o horizonte triste. Parece que os finados fluctuam no ar em massas innumeraveis, que elles tornam para os logares outr'ora habitados.

Fantasmas furtivos, deslisam pelas ruas de nossas cidades e transpõem o limiar das casas onde viveram n'outro tempo.

Por toda parte a multidão dos mortos mistura-se com a multidão dos humanos. Espiritos impalpaveis, elles passam na sembra da noite ou sobre a claridade do dia; seu leve toque produz vibrações subteis do ar que os sensitivos sómente conhecem. No seio de nossas reuniões e de nossas festas, os videntes percebem espiritos calmos, silenciosos, attentos aos nossos debates.

Um mundo de seres invisiveis paira em volta de nosso planeta: onche a atmosphera; cobre a humanidade em seus reconditos, em suas profundezas.

Traça de nós a elle um caminho fluidico sobre o qual nossos pensamentos se movem, sobre o qual nossas aspirações arrojaram se além do abysmo obscuro da vida terrestre.

São ainda raros os homens dota-

dos de sentidos psychicos que permittem a communicação com o invisivel. Ordinariamente, não vemos as fórmãs, não percebemos movimento algum ou ruidos, que denunciem a presença destes hospedes d'além tumulo. A materia grosseira nos esmaga, e o campo da vida limita-se para nós ao estreito horisonte terrestre.

Portanto, quando chegam as horas consagradas aos mortos, as imaginações mais rebeldes julgam sentir alguma cousa desse mundo dos Espiritos.

O ouvido julga ouvir no espaço vozes mysteriosas. O olho julga vêr as janellas dos velhos castellos, dos palacios em ruinas jlluminarem-se subitamente e fórmãs brancas passarem lentamente.

Sombras vagas erram pelas collinas e no fundo dos valles sombrios. Taes são os sonhos em que se embalam os habitantes das remotas campinas. Mas, nas nossas cidades, a Morte, apozir das homenagens que se lhe rende em dia fixo, a Morte é o grande espantallo, cujo pensamento se repelle com medo. O que nisso cuidam parecem ridiculos no meio deste scepticismo geral. E' que para a maioria dos humanos, a idea da Morte é inseparavel da idéa do Nada.

Ella arrasta atrás de si o medo de nada ser, de não mais existir. Ordinariamente entre nós, ainda hontem, a Morte era a podridão final, com o desmaio, a quéda rapida na grande noite.

Uma sciencia nova dissipou estes temores e resolveu o grande problema da Morte. Observações methodicas, continuadas durante meio seculo, permittiram fazer a luz sobre esta vida dos Espiritos, vida tão real como a nossa, vida que continúa para cada um de nós além da campa sob uma forma imponderavel, sob um aspecto subtil da materia, submettido como todas as cousas do Universo a regras fixas, a leis invariaveis. O sobrenatural dissipou-se, mas a Natureza abriu dominios desconhecidos, cheios de in-

calculaveis riquezas, ás pesquisas dos investigadores.

Os academicos Crookes, Russell Wallace, na Inglaterra; Camillo Flammarion, Sardou, o Dr. Paul Gibier, o professor Ch. Richet, em França; numerosos sabios n'outros paizes têm affirmado o resultado de suas experiencias, a realidade dos phenomenos spiritas, os testemunhos que de todas as partes se levantam são tão numerosos, emanam de homens tão consideraveis que a duvida não pôe mais subsistir no pensamento do indagador imparcial. O mundo invisivel affirma-se com um poder sempre crescente. As manifestações spiritas produzem se sob todas as formas e em todos os meios, dasde os mais grosseiros até os mais sublimes, segundo a natureza e a elevação do Espirito que age.

Assim se desenrola sob a direcção de um poder superior, um magestoso programma, um plano de acção cujo fim está visivel, e este fim é proporcionar ao Espirito humano a prova, a certeza de sua observancia, de sua immortalidade. Além da campa uma outra vida se abre, vida em que o ser, esperando novas reencarnações, encontra em seu estado mental os fructos da existencia terrestre que acaba de findar-se.

Por toda parte ha vida. A natureza inteira nos mostra em seu quadro maravilhoso uma renovação perpetua de todas as cousas. Em parte alguma a Morte, tal como se a considera em torno de nós; em parte alguma o aniquilamento.

Ser algum pode aparecer em seu eu, em seu principio de vida, em sua unidade consciente.

O Universo é como uma cuba transbordando vida physica e psychica. No espaço, sobre os continentes, no seio dos profundos mares, por toda parte o immenso reboliço dos seres, a eleboração formidavel d'almas que não se escapam da vida embryonaria sinão para subir, crescer sem cessar, arrojarem-se de degrão em degrão para alturas de mais a mais imponentes. Ellas emergem do negro chaos, das lentas e

obscuras preparações para proseguirem nos estadios da luz a magnífica ascensão da vida progressiva.

O Universo é o vasto theatro onde se desdobram nossas innumeráveis existencias. O encadeamento de nossas vidas successivas é, como a escala dos mundos, sem lacunas, sem limites. Nem um degráu, nem um élo lhe falta. O poder eterno nos reserva, atravez do Oceano dos espaços e do infinito dos tempos manifestações sempre mais poderosas de belleza, de sabedoria, de harmonia moral, modos de existencias illimitadas, tão variadas quão maravilhosas, que nos hão de reatar de uma maneira mais estrêita á universidade dos seres e das cousas.

A morte mais não é, pois, do que uma vã apparencia. Nós nos encontraremos do outro lado da campa na plenitude de nossas faculdades e de nossa existencia.

Nós nos encontraremos com aquelles que nos amaram e que partilham as horas tristes e alegres de nossa existencia terrestre.

A campa mais não encerra que um pó inutil.

E' para mais alto que preciso se torna elevar vossos pensamentos e vossas lembranças, si quizerdes encontrar o vestigio das almas que vos foram caras.

Não pergunteis ás pedras do sepulcro o segredo da vida. Sabeis que os ossos e as cinzas que lá repousam nada são. As almas que os animaram deixaram esses logares. Ellas revivem sob formas menos materiaes, mais subtis, mais apuradas; do seio do invisivel onde vossas preces as attingem e as commovem, seguem-vos com o olhar, respondem-vos e para vós sorriem. A revelação spirita ensina-vos a com ellas vos communicardes, a unir vossos sentimentos em uma communhão de amor, em uma esperanza ineffavel. Estão muitas vezes perto de vós os caros seres que choraes, que ides buscar no cemiterio, os seres que foram a força de vossa mocidade, que vos embalaram em seus braços maternos, e os amigos, com

panheiros de vossas alegrias e de vossas dores.

E todas estas formas, todos estes doces fantasmas que encontrastes em vossa derrota, que se imiscuiram em vossa existencia e que levaram com si alguma cousa de vós mesmos, de vossa almã e de vosso coração.

E a multidão dos homens desaparecidos na Morte, luta confusa que parece dissipada e que revive, vos chama e vos traça o caminho que per vossa vez deveis percorrer.

O' Morte! ó magestade serena! tu de quem se faz um espantalho, tu não és para o sabio e o pensador o repouso depois do penivel estadio, estadio proseguido sob o sol ardente ou os aguaceiros penetrantes! Quando minha pobre alma, errante desde tantos seculos pelos mundos, depois de tantas lutas, vicissitudes e desapontamentos, depois de tantas illusões extinctas e esperanças adiadas, for de novo repousar em teu seio, será com a egria que ella saudará a aurora da vida fluidica que se abre alem da campa.

E' com a embriaguez que ella elevar-se-á dentre as poeiras terrestres atravez dos insondaveis infinitos do espaço e do tempo para os que aqui em baixo estremeceu e que a esperaram.

Para a mór parte dos que, a 2 de novembro, encaminham-se tristemente para os cemiterios, a Morte fica sendo o grande mysterio; o problema sinistro que não se atrevem a olhar de frente. Para nós, spiritas, a Morte não é mais do que a hora abençoada em que o corpo fatigado volta para a grande Natureza a fim de deixar a Psyché, sua prisioneira, uma livre passagem para a patria eterna.

Onde está, dir-me ão, esta patria eterna? Esta patria é o infinito radiante semeado de mundos innumeraveis. O mundo que habitamos é um dos menores d'entre os que povoam a immensidade. O infinito nos envolve de todas as partes. Não ha mais fim na extensão, como não o ha na duração, quer se trate da al-

ma ou do Universo. Assim como, porém, cada uma de nossas existencias tem seu termo e deve se extinguir para dar logor a uma outra vida mais alta, assim tambem, cada um dos mundos que povoam o Universo deve morrer para dar logor a outros mundos mais perfectos.

Dia virá em que a vida humana extinguir-se-á inteiramente sobre o globo resfriado. A Terra, vasto cemiterio, rolará, sombria, na extensão silenciosa. Ruinas imponentes erguer-se ão alli onde foram Roma, Paris, Constantinopla, cadaveres de capitães, ultimos vestigios de raças extinctas, gigantescos livros de pedra que olho alguma de carne jámais lerá. A humanidade, porém, só terá desaparecido da Terra, para proseguir sua ascensão por mundos melhor dotados de outros estadios. A vaga poderosa do Progresso terá lançado todas as almas terrestres para planetas melhor preparados para a vida.

Civilizações prodigiosas florescerão então em Saturno e Jupiter. Humanidades renascentes ali desdobrarão em uma gloria incomparavel, perto da qual as civilizações terrestres serão apenas grosseiras barbarias: é alli que está o logar futuro dos ultimos humanos, seu novo campo de acção, logares abençoados onde lhes será dado amar ainda a trabalhar em seu aperfeiçoamento.

No meio de seus maravilhosos trabalhos, a triste lembrança da Terra virá talvez visitar estes espiritos. Mas as alturas attingidas, a lembrança das dores supportadas, as duras provas, não serão mais do que um estímulo para mais alto se elevarem. Em vão a evocação do passado fará surgir a seus olhos os espectros de carne outr'ora animados, os tristes despojos deitados lá em baixo nas sepulturas terrestres, a voz da sabedoria lhes dirá:

Que importam as sombras dissipadas. Nada parece. Todo o ser transforma-se, illumina-se e sobe os degraus da escada immensa que conduz, de esphera em esphera, do mal em sol, até Deus.

Espirito imperecível, lembra-te disto:

Não ha morte!

● perispirita visto com o microscopio

A té agora não se fazia uso do microscopio sinão para descoberta dos infinitamente pequenos, taes como os rotíferos e os microbios que agitam-se nas gottas d'agua, que são para elles vastos oceanos; eis, porém, que o microscopio já serve para descobrir, para perceber o que é invisível, intangível, impalpavel.

E' um periodico americano que annuncia esta phantastica, mas real invenção.

Não tenho em meu poder o periodico, mas tenho presente a reprodução do artigo em que se falla desse magico instrumento; eu o extrato da *Luz*, excellento revista italiana que se publica em Roma, e que conta numerosos e serios assignantes, bem como sabios e illustres redactores.

Para satisfazer aos leitores traduzo textualmente o artigo do italiano, que por sua vez tambem é uma tradução:

« Um illustre sabio desta cidade acaba de fazer uma descoberta destinada a ter grande repercussão no mundo scientifico. Trata-se de provar a existencia da alma empregando-se um methodo completamente experimental.

Pondo á vista um dos mysterios mais occultos da natureza, esta descoberta servirá para justificar de certo modo a doutrina que nos ensina que a alma humana não morre.

Para fazermos mais clara exposição, daremos o nome do sabio americano: chama-se o professor Hugues.

Este apaixonado experimentador está ha muito convencido, não só de que a alma existe, mas qua forma parte do nosso corpo, debaixo de uma forma vaporosa; é a reprodução exacta, ou, para melhor dizer, a superposição da sombra sobre o corpo que a produz

Admittido este principio, tratava-se, para o Dr. Hugues, de comprovar essa dualidade do nosso individuo.

Tal é o ponto de partida do sabio americano, e foi seguindo este caminho que logrou penetrar o com'ovedor mysterio da vida e da morte.

Para elle, todo corpo humano contém um segundo corpo, identico, parecido em tudo, em sua forma impalpavel e invisível.

E' somente no momento em que sobrevem a morte do corpo material que a sombra que o acompanha durante a existencia, delle separa-se, desembaraçando se dos laços carnaes, e lança-se ás espheras eternas; esta sombra é a alma.

Refiramos agora como o professor Hugues foi levado a semelhantes investigações.

« Um dia, refere o professor, senti-me disposto a reflectir sobre as lamentações de um amigo a quem tinha se amputado um pé. Sofria dores atrozes na parte que não existia, e accreentava que a dor além do joelho era tal, que mais de uma vez sentiu-se impellido a estender a mão para colher a parte em que tinha a dor.

Durante alguns annos este factonevropathico foi para mim objecto de continuos e longos trabalhos. No dia em que pensei ter encontrado o meio pratico para adiantar minhas investigações, resolvi tentar a experiencia.

Eu tinha inventado um instrumento, um microscopio de grande potencia, com o qual era-me possível distinguir o mais imperceptivel microbio do ar. Esta invenção custou-me muito tempo e não menos trabalho; mas enfim, graças ao poderoso instrumento, o problema estava meio resolvido. Só restava experimentar.

Fui visitar um amigo que tinha perdido um braço na guerra de 1863 e explicando-lhe o melhor que pude o que delle desejava, pedi-lhe que puzesse a mão imaginaria sobre uma folha de papel branco,

”Obrai, disse-lhe, como se ainda tivesses o vosso braço, isto é, collocai a mão que não tendes sobre esta folha.

O meu amigo sorriu, elhou-me admirado e depois de algumas palavras de animação de minha parte acabou por annuir ao meu desejo.

Colloquei então o microscopio a uma certa distancia da folha, e um mundo completamente novo se revelou a meus olhos.

A mão não tinha forma alguma palpavel, é certo; esta forma, porém, ainda que impalpavel, era apparente.

Podia, com auxilio do microscopio, acompanhar alguns movimentos dos dedos.

Deixei o instrumento e pedi ao meu amigo que por sua vez olhasse. Applicou o olho á lente e deixou escapar uma exclamação que jamais esquecerei.

Tinha visto sua mão fluidica. Dissipada a primeira impressão de assombro, pedi-lhe que escrevesse uma phrase com a mão phantasma. Obdeceu.

Que se julgue do nosso assombro, junto a uma especie de terror, quando lemos sobre o papel, perfeitamente traçada, como o ligeiro vapor que o hato deixa sobre o crystal, a seguinte phrase: — Quem sabe? —

São estas as ultimas palavras do artigo, qua dão muito que pensar. Sim, sim; quem sabe? Quem sabe, senhores apparecidos, e vós tambem, senhores invisiveis, si vós outros não cahireis tambem debaixo do poder esquadrihador do microscopio, inteiramente, como vulgares rotíferos, como simples microbios.

Seremos testemunhas de vossos actos e gestos, senhores apparecidos, veremos como vos conduzis e governaes no mundo invisível.

Nós teremos o olhar sobre vós.

H. RACIO JELETIER.

(Do *Messageur*, de Liég.)

EXPEDIENTE

ASSIGNATURA: POR MEZ 1:000 REIS
NUMERO AVULSO 300 REIS.

Typ. de Emilio Gallina.